

Miguel Franco

LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO

Editorial Inova sarl

TEATRO PARA AS QUATRO ESTAÇÕES



Miguel Franco

LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO



Editorial Inova sarl

LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO

DUAS PARTES
QUINZE QUADROS

PERSONAGENS

(por ordem de intervenção no drama)

CECÍLIO
DR. GODINHO
PASCOAL
JOSÉ MELO
HONORATO
SÍLVIO
LEONARDO
MIGUEL LINO
RAPAZ (LÁZARO)
FILHO DE MIGUEL LINO
GOVERNADOR
BISPO
PADRE INÁCIO
CRIADO
EPIFÂNIO
SECRETÁRIO
CORONEL
TERESA
1.º HOMEM
2.º HOMEM
3.º HOMEM
CAVADOR
1.º SOLDADO FRANCÊS
2.º SOLDADO FRANCÊS
OFICIAL DA CAVALARIA DE NAPOLEÃO

Membros da Sociedade Revolucionária «Farol da Liberdade»
Perseguidores (vozes), Dois Presos, Povo,
Coro de Santo Estêvão, Resistentes.

I Parte

QUADRO PRIMEIRO

Cimo de um montículo de país ondulado.

Ouve-se uma ocarina cantando uma melodia viva de sons redondos. A música protesta qualquer coisa, no seu ritmo arremessado. Tem um som de troça.

Vem CECÍLIO a tocar, pés descalços apalpando o chão. É um homem novo e forte, desgraçado pela cegueira, sustentado pelas gentes da Cidade próxima, a troco de músicas que a sua ocarina incessantemente lança para os ares.

CECÍLIO: *(parando de tocar)* — Miguel Lino! Ó Miguel Lino! Inda cá não estás?!...

Senta-se numa grande pedra em que os seus pés embateram. Toma de novo a ocarina e recommença a melodia interrompida.

Suspende. Estende a cabeça à escuta de ruídos que ainda lá não vêm. Espera.

Experimenta agora sons novos na ocarina. Movimentos de ritmo ainda não ensaiados. Agudos e

graves. As suas mãos de cego dedilham ágeis sobre os orifícios, ensaiando trocas de sons de novo efeito.

Suspende. Queda-se esperando. Um grito das coisas naturais de quando em quando: um animal, ave ou indistinto. Um ranger vegetal.

O «ziguezigue» dos campos sob o sol de verão. CECÍLIO recomeça a tocar. Interrompe para cantarolar a letra da canção:

«Maria do Campo, que bem que t'entendo,
Lá vens pelas portas, vendendo, vendendo...»

Leva de novo a ocarina à boca e toca, toca, toca, até que a cena se desfaz.

QUADRO SEGUNDO

Sala modesta e sombria, de raros móveis. Uma tribuna e outros elementos dão ao local o ambiente das antigas sociedades revolucionárias, literárias e poéticas.

Estamos numa qualquer pequena cidade da Europa de 1807 por onde se sonhavam, às escondidas, os ideais vibrantes da Revolução Francesa. Esta sociedade de reuniões secretas, onde todos se tratam de «cidadãos», é o «Farol da Liberdade». Em cena — sentados em à vontade — DR. GODINHO, PASCOAL, JOSÉ MELO, HONORATO, SÍLVIO e outros.

DR. GODINHO: Cabeças...! Grandes cabeças, amigos! Homens de envergadura, de uma só opinião... Duros!... (Silêncio. Os outros escutam. Olham-no) ...Prontos a qualquer sacrifício...

PASCOAL: (Um som desalentado) Sabem o que querem...

DR. GODINHO: Ora!... Têm uma filosofia e respeitam-na! Obedecem-lhe!... Morrem pelo seu ideal!

PASCOAL: Obedecem... morrem... Morrer por um ideal!...

DR. GODINHO: Deixe lá que os outros também morrem... e bem!

UMA VOZ: *(Secundada por outras, como quem se alivia de uma pressão)* E bem! — Olá *(Pequenos risos)*

(Silêncio)

JOSÉ MELO: Já estamos quase todos... Para a votação já somos bastantes, não?...

DR. GODINHO: Além do Miguel Lino, quem falta mais?

HONORATO: Poucos...

DR. GODINHO: Aquele Miguel Lino!... Nós não podemos esperar mais tempo!...

PASCOAL: Qualquer coisa o demorou, talvez!...

HONORATO: Ora! — O que é sabemos nós!...

JOSÉ MELO: Eu não tenho pressa, hã! Falei por falar. Estava marcado para esta hora...

HONORATO: E horas são horas!

PASCOAL: *(Contemporizador)* Que diabol!...

HONORATO: Mas é que estas coisas são assim mesmo! É preciso respeito!

SÍLVIO: Tal e qual!

DR. GODINHO: Está a ouvir, Velho Pascoal? Respeito!... É o que há lá fora! Respeito pelos princípios, respeito pelos cidadãos, respeito pelas ideias... *(Levanta-se. Vai até próximo da tribuna)* Meus caros amigos... cidadãos... camaradas... «sans-cullotes»: Lamentemos, defendendo os nossos ideais, a ausência do irmão cidadão Miguel Lino. Boa alma!... Grande amigo!... Pouco vigilante,

no entanto... O inimigo não permite tréguas. Há que manter o facho revolucionário bem no alto! Miguel Lino, camarada demasiado confiante, não pode, não deve descurar a sua tarefa, a sua alta missão revolucionária! Devia estar aqui. Tinha a imperativa obrigação de aqui se encontrar, com os seus camaradas, nesta reunião fraterna, sob a grinalda florida do nosso lema: Liberdade, Igualdade, Fraternidade!...

HONORATO: Está-se melhor no Alto da Portela!...

DR. GODINHO: E que significado tem o Alto da Portela para os nossos anseios, para os nossos trabalhos, para a grande revolução que havemos de levar, bandeiras ao alto, até às gargantas da opressão... para as estrangular?...

SÍLVIO: Bravo!

DR. GODINHO: *(Subindo à tribuna)* Eu estou aqui! Vocês, irmãos cidadãos, também aqui estão. Cumprindo o vosso dever de «citoyens», de revolucionários. Miguel Lino não está. Diz-se republicano e não se junta aos republicanos. Diz-se revolucionário... e será nos pinheiros do Alto da Portela que ele encontra, gravados a fogo como nos nossos corações, os ditames dos grandes filósofos da Revolução?! Serão os pinheiros, para ele, os grandes homens?!

(Gargalhadas de alguns dos presentes)

PASCOAL: *(Destoando do tom geral)* Bela sombra dão eles!...

DR. GODINHO: Mas sombra não é revolução! Não é dever! Não é fidelidade! *(Pausa)* Eu sou, no entanto — que ninguém o duvide! — amigo dele. Companheiros de luta — eu e ele! Denodados. Intemeratos.

Velhos camaradas já da fogueira revolucionária!... Tenho-lhe amizade, acreditem. Só julgo — por isso o censuro — que para a acção é precisa... acção — e é aqui que ela está. Dentro dos muros da nossa cidade, é aqui que o povo encontra a Grande Revolução em marcha. Eu não sonho à sombra dos arvoredos! Eu sinto-me o ariete em fogo da Revolução!...

SÍLVIO: Bravo!

(Outros «bravos!» em eco se fazem ouvir. Algumas palmas)

DR. GODINHO: *(Olha em silêncio. Baixa os olhos. Pensa)* Somos todos iguais — aqui e lá fora, e na vida ou na morte — e eu não sou mais que qualquer dos irmãos cidadãos aqui presentes. É minha intenção submeter-vos uma proposta. Apresentá-la-ei quando a isso for autorizado. Já — se for «já» o vosso veredicto. Se for da vossa soberana vontade — a vontade soberana do povo! — escolher outro momento e retirar-me o uso da palavra, curvar-me-ei à vossa vontade, em liberdade e em fraterna igualdade assim expressa, e aguardarei submissamente...

HONORATO e

JOSÉ MELO: Não senhor! Queira falar! Está no uso da palavra.

DR. GODINHO: Obrigado! — Qualquer dos cidadãos presentes poderá apresentar — que redobrada força isso nos acrescentaria! — poderá apresentar igual proposta... Igualdade, Liberdade e Fraternidade — é o nosso lema.

É esta a proposta que humildemente — mas com que sincera decisão! — eu apresento à justiça dos votos: proponho-me para vosso chefe, chefe deste grupo revolucionário «O Farol da Liberdade!».

(Faz-se um silêncio; como que esperando uns pelos outros).

PASCOAL: (Arrastando as palavras) Não será melhor deixar comparecer quem falta?...

HONORATO: Falta porque quer!...

VOZES: De facto! — Pois claro! — Não há dúvida que faltou!...

PASCOAL: Talvez para nos dar a liberdade da escolha. Nós conhecêmo-lo bem. Ele não necessita de falar. Conhecemos-lhe o som da voz desde criança... (Ao DR. GODINHO) Não será melhor esperarmos por ele?

DR. GODINHO: Isso é com a assembleia. Lembro, no entanto, que existe uma norma, um regulamento!...

PASCOAL: O nosso irmão cidadão Miguel Lino apreciará e a amizade que a todos nos une apreciará também — estou a lembrar-me da bela palavra: Fraternidade! — que o regulamento lhe perdoe, que os seus irmãos revolucionários lhe perdoem esta falta... A fidelidade é feita também de sacrifícios! Eu, no exercício das funções que me competem, proponho que se dê uma hora de espera a Miguel Lino, ou...

JOSÉ MELO: (Tímidamente) O que quiserem... Por mim!...

DR. GODINHO: (Conciliador — espectacular) Eu voto uma hora!

PASCOAL: (Olhar de censura) O voto — diz o nosso regulamento — é secreto. E ainda, conforme o regulamento, quem o manifesta, anula-o. (Ao DR.) O seu voto, cidadão, devia ser anulado. Votem, meus senhores: uma cruz — uma hora; duas cruzes — duas horas. (Distribuem-se quadros de papel) Em branco — recusa!



VIE12182

LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO

primeiro volume da colecção

TEATRO PARA AS QUATRO ESTAÇÕES

foi composto e impresso para a

EDITORIAL INOVA

na Cooperativa do Povo Portuense — Rua do Paraíso, 217

Janeiro de 1973